

Considerações sobre a festa religiosa “Reis de Piatã”

ILDIMAR FRANÇA NASCIMENTO

Resumo

O artigo mostra a festa religiosa “Reis de Piatã” da Chapada Diamantina (Ba) como uma manifestação cultural *da roça*. Pergunto em que sentido *ser da roça* é o que faz do “Reis de Piatã” uma tradição continuada a partir de reconfigurações e hibridizações. Neste sentido, reporto-me a um conjunto de práticas e representações do universo rural que se expressam na festa a fim de identificar singularidades desta prática lúdica e religiosa.

Palavras-chave

Piatã (BA). Reisado. Cultura. Religiosidade

Considerations on the religious party “Kings of Piatã”

Abstract

The article shows the religious festival "Kings of Piata" Chapada Diamantina (BA) as a manifestation of the cultural field. I wonder in what sense is the garden is what makes the "Kings of Piata" a tradition continued from reconfigurations and hybridizations. In this regard, I refer to a set of practices and representations of rural universe that are expressed at the party in order to identify singularities of this playful and religious practice.

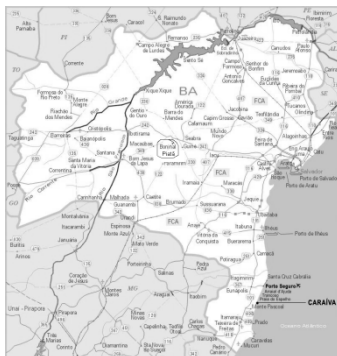
Keywords

Piata (BA). Epiphany. Culture. Religiousness

Um espaço em questão

Piatã, lugar onde ocorre a festa religiosa de Reis, está a 568 km de Salvador, seguido pela rodovia de acesso BR 242 e pela BA 148. Possui uma superfície de 1325 km², com temperatura média de 18.2° C. Localizado na Zona Meridional da Chapada Diamantina, tem as seguintes coordenadas geográficas: 13° 12' 20" de latitude sul e 41° 44' 30" de longitude W. Gr. Rumo, a partir da capital do Estado. O clima é frio e, em alguns pontos, quente e temperado (FRANÇA, 2010).

Mapa 1: Localização de Piatã, Bahia



Piatã é uma cidade pequena, um município rural com pouco mais de 20 mil habitantes. Não há indústrias, sendo que as micro-manufaturas das serralherias, marcenarias, são voltadas para atender ao mercado consumidor local. Este mercado, por sua vez, está dependente da agropecuária, principalmente o que corresponde ao café, leite, cachaça, gado para abate e mandioca.

Para entender o espaço Piatã e dizer em que medida a festa de Reis se organiza de forma singular na zona rural, é preciso entender que as mudanças que ocorreram na geografia brasileira, a partir dos anos 1980, apresentaram desafios quanto à definição do que seria rural ou urbano. Vemos um redesenhar de paisagens que, no campo da produção agrícola, por exemplo, foi impulsionada pela chegada das máquinas, a ocupar os espaços de outrora pertencentes ao braço humano.

No Brasil, as cidades urbanizadas, sinônimas do progresso e civilidade, fascinaram moradores da roça tanto pelo oferecimento de atividades econômicas dinâmicas, quanto pelos bens e serviços diversos não encontrados no campo. Mesmo em virtude do êxodo rural, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas têm mostrado, entretanto, uma maioria da população ainda concentrada nas zonas rurais de pequenos municípios, como o de Piatã.

Uma interface cultural está posta nesta seara dicotômica, a partir do momento em que pessoas da Sede têm suas atividades na roça ou utilizam a roça como moradia sazonal. O mesmo ocorre com as pessoas que moram na Sede e que cultivam diariamente pequenas e médias plantações na roça. As atividades rurais de Piatã não podem ser concebidas separadamente de sua Sede. Estas, além de organizar todos os serviços de educação, saúde, comunicação, comércio, etc., oferecem à roça sementes, insumos e toda uma estrutura que dinamiza o local e o regional.

Ao seu turno, a roça relaciona-se com a Sede em equilíbrio de complementaridade, de modo, às vezes, desta precisar mais do camponês do que o contrário. Mas... O que leva a cidade à dependência dos trabalhos do homem da roça? Justamente por ser aquele indivíduo que fornece à Sede todos os produtos relacionados à agricultura. Já o camponês, na Sede, adquire apenas os produtos complementares, ou seja, aquilo que ele não produz.

Chego então à conclusão de que o hábito de vida rural pode ser encontrado na cidade, da mesma forma em que o hábito de vida da cidade pode ser encontrado na roça. Definir o urbano e o rural é uma tarefa árdua e mais ainda quando nos reportamos à micro-região de Piatã. Ao possuir uma economia balizada na exploração e utilização de recursos naturais, por exemplo, o município se perde na separação daquilo que pertence à roça ou à Sede.

No âmbito cultural, as diferenças entre rural e urbano estão cada vez menores. Dessa forma, quanto crio a categoria *da Roça*, necessariamente não estou me condicionando ao determinismo geográfico. Estou também imaginando e dando forma a um estilo de *Ser* lúdico e religioso, na contramão do que é consumo ou modismo.

Se para os demógrafos está distante superar o conceito rural/urbano, torna-se também uma preocupação do presente trabalho evitar cair num relativismo estéril, onde tudo possa ser entendido como urbano ou como rural. Em função disso, não comungo da afirmativa de que elementos do reisado da Chapada Diamantina são exclusividades rurais, mas em observá-los enquanto manifestações culturais que melhor se organizam fora da Sede de Piatã.

Tal organização tem mostrado que o morador da roça soube melhor lidar com a memória religiosa reiseira ao hibridizar-se culturalmente. O roceiro, digo, o homem do campo, reconfigura suas tradições ao se reportar aos objetos materiais de devoção, aos santos e aos Reis Magos; através dos ditados, provérbios e “causos”, transmite a memória oral; nas relações de compadrio, estreita amizades; nas celebrações de inúmeros festejos religiosos, nos sabores culinários, nas cantigas ou antigas modas sertanejas ou nos chás e remédios caseiros, (re)elabora traços de suas identidades.

Apresento a partir deste momento, então, o que entendo por *ser da roça*. Diferentemente da rotina do trabalhador da Sede, o homem *da roça* lida com o tempo do cio dos animais: o cruzar, o parir e o amamentar do gado. Arado, enxada, enxadão, picareta, foice, facão, pá e machado são instrumentos auxiliares nas tarefas diárias. Ao contato com a terra, pode o camponês trabalhar pelo sistema de parceria com o proprietário sendo meeiro um de

outro. Nos engenhos, fabrica puxa, rapadura e cachaça; nos terreiros, seca, pila e mói o café.

O roceiro reiseiro hábil no cultivo do café e da cana-de-açúcar vende sua força de trabalho em intermináveis filas de cafezais e canaviais. Nos cafezais e canaviais leva a marmitta - enrolada no pano de prato. Leva a garrafa térmica e os biscoitos - brividade, sequilho, avoador -, estímulos ao segundo turno de trabalho. Músicas de reisado, ladainhas, cantorias e repentis ajudam a tornar a labuta na roça menos estafante. Dentre as canções, destaca-se:

Oh Deus salve a casa santa}2X
Onde Deus fez a morada}2X
Onde mora o cálice bento}2X
E a hóstia consagrada}2X

Na roça, excedente de algodão pode ser trocado com as tecedeiras por panos tecidos; pode o dono de moinho tomar o milho em troca da moagem do fubá; derivados da cana-de-açúcar podem ser cambiados em porcentagens com proprietários de engenho. Artesanatos também há, quando da fabricação de balaios, chapéus, esteiras, peneiras, vassouras de palhas de coqueiro. Selas de animais, arreios ou bruacas podem ser instrumentos de troca por sacos de farinha de mandioca, sacos de feijão, arroz ou pelo que faltar em casa.

O peão de boiadeiro da roça conhece cada metro dos acidentes geográficos. Em andanças pela Chapada, tem na estrada a boiada como companhia, mercadoria a ser deslocada de um pasto a outro.

Na Semana Santa, o homem da roça costuma ir às procissões católicas, sobretudo a procissão de Domingo de Ramos, levando palhas de coqueiros para serem bentas. Essas palhas, após o ritual, ficam guardadas em casa, sendo usadas principalmente a partir do Ciclo Natalino, quando súbitas tempestades anunciam a chegada do verão na Chapada. Então ele queima a palha, chamada de *palha benta* na intenção de acalmar os raios, os trovões e os ventos acentuados - fenômenos naturais comuns e intensos neste período do ano. Também é da Igreja Matriz de Piatã que o camponês leva para sua roça o *pão do divino*, ou seja, um pãozinho de cor branca que deve ser colocado à lata de farinha, para que, segundo a crença local, nunca falte o alimento.

Quando as festas mais populares terminam, sempre há na casa do vizinho o baile d'água. Neste, comemoram-se temas diversos como: boa colheita do feijão, do milho ou da mandioca; festas de padroeiros, casamentos, aniversários ou formaturas; o espaço pode ser uma latada ou a sala maior da casa. O

candombá, espécie de planta inflamável, é usado para acender o fogão à lenha, enquanto aves no poleiro são escolhidas para o cozido. Pode ocorrer de alguém arrear um animal, para tração das engenhocas da casa de farinha, de onde se produz beiju, pão e farinha. A força dos animais, movimentada sempre em círculos, puxa os cavaletes que, por sua vez, impulsionam ainda o ralador de milho para o fabrico de canjica, mingau e polenta. Essas iguarias são preparadas no Ciclo Natalino; em bailes d'água alimentam forrozeiros, triangueiros, zabumbeiros e foliões.

Esse é o universo o qual se inserem os brincantes do Reis de Piatã. O folião roceiro lida com sua terra ou em fazendas de pequenos e médios produtores, limpando, plantando ou colhendo café, feijão, arroz e cana-de-açúcar. Traz no rosto sinais de queimaduras de sol e nas mãos calos que indicam pouco ócio. Reside em torno de uma capela ou vendinha, tendo duas, três ou mais habitações de vizinhanças.

Proponho para este artigo, entender a festa religiosa de Reis de Piatã como uma representação dos sujeitos sociais que têm a roça como referência. Não se trata de afirmar que a Sede esteja alheia a tudo isso, e sim de tomar a roça como ambiente propício para a elaboração das tradições.

Identifico ainda o Reis de Piatã como sendo uma manifestação cultural da roça em virtude das observações presentes nos parágrafos seguintes:

Repertório: As músicas religiosas cantadas na festa Reis de Piatã falam de animais, insetos, plantas e plantações; falam de marimbondo, cavaleiros, cordeiro, manjeriço, lavoura de feijão, cravo, rosa e galo. Vejamos:

Senhor dono da casa,
Deus lhe dê uma boa noite,
Boa noite Deus lhe dê,
Alegremente cantamos.

Nós somos de longe
E queremos ver} 2X – Refrão

Deus lhe dê uma boa noite
Com prazer e alegria...

Refrão

Cavaleiros são aqueles
Que lá vai beirando o mar,
Vai atrás de Jesus Cristo que veio a cantar

Refrão

Senhor dono da casa
Nobre reiseiro cidadão,
Perguntei... tem lavoura no feijão.

Refrão

Já cantei e recantei
Não tenho mais o que cantar,
Se não sair do seu gosto
Você vai me perdoar.

Refrão

São José, Nossa Senhora
Quando foram prá Belém,
Eles foram cantar reis,
Prá Jesus foi também.

Culinária: Os alimentos preparados para eles, e às vezes por eles, são produzidos na roça. Com o milho se faz cuscuz, canjica, bolo, mingau; cana-de-açúcar transforma-se em cachaça, tijolo, rapadura, puxa e licores; leite transforma-se em queijos, doces e manteigas; mandioca em farinha, maniçoba e beiju; leguminosas em pirão e cortados; cítricos em suco; arroz em comida ou doce; boi, bode ou frango são usados para o tira-gosto ou farofas.

Instrumentos musicais: Os instrumentos usados pelos reiseiros também são confeccionados na roça. Pifanos são feitos de mangueira, cano ou bambu; triângulo vem de pedaço de ferro de construção; bumbo, de couro de veado; duas latas velhas podem virar um agogô; dois copos de alumínio emendados, contendo areia ou pedras, podem se transformar em chocalho.

Indumentária: As calças, as camisas, sapatos e chapéu dos reiseiros ou são costurados ou remendados pelos moradores da roça. As esposas dos foliões usam máquina de costura ou as próprias mãos para coser rasgões de roupas, bordar estandartes, confeccionar luvas, toucas e cachecóis para o tempo de frio. Os chapéus são enfeitados com fitinhas do Bom Jesus da Lapa (importante cidade de romarias do interior da Bahia) ou do Senhor do Bonfim (Salvador), tiras de plásticos, penas de pavão, flores e espelinhos que, normalmente, são usados pelos moradores da roça.

Presépio: O local destinado ao Menino Jesus é reconstituído a partir de enfeites encontrados na roça, como amendoeira, barba de velho, bromélias,

cactos e sempre-viva. Com o material em mãos, o devoto passa a definir o local onde se armará o presépio. Um bloco aqui, um tijolo ali, um pouco de colar acolá; enfeites, enfeites e mais enfeites, aos poucos, o presépio vai tomando forma. No segundo momento, colocam-se luzes, cartões de Natal, brinquedos, queda d'água, pisca-pisca, fotos de familiares. Na ala sagrada da gruta, além da imagem do Deus-Menino, são expostas as imagens de São José, Nossa Senhora, dos Reis Magos que, por sua vez, estão sob atenção dos animais que vão visitá-los.

História e religiosidade

A jornada que os reiseiros fazem, de presépio em presépio, durante a festa Reis de Piatã, realizada entre as vésperas de Natal até o dia 6 de janeiro, dia de Santo Reis, reconstitui de forma carnavalesca, ao mesmo tempo religiosa, a trajetória dos três Reis Magos numa das passagens bíblicas do Novo Testamento:

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar homenagem (Evangelho de Mateus, 2, 1).

Foram esses os reis que, segundo a tradição cristã, presentearam o recém-nascido Jesus com ouro, incenso e mirra, como símbolo, respectivamente, de realeza, divindade e humanidade. Ao longo da história, entretanto, as referências atribuídas aos Magos do Oriente – Gaspar, Melchior e Baltazar – mudaram significativamente. No século II, começaram a surgir as primeiras imagens esculpidas ou pintadas dos Santos Reis. A partir de então, o imaginário do devoto passou a guardar mais um incremento à sua fé.

Desde a Idade Média, jogos, danças, bailes, desfiles e espetáculos (autos) representam manifestações populares celebradas do período que vai do Natal ao dia de Reis. Adiciona-se a esses festejos os folguedos ligados ao carnaval, onde se comemoravam o antigo e o novo Natal numa dinâmica que celebra passado, presente e futuro. Na Europa Medieval, cortejos de foliões que saíam cantando e dançando pelas ruas de Portugal eram conhecidos como “Janeiras”, “Autos Pastoris” e “Cheganças” (MORAES FILHO, 1979).

Em Portugal, há registros das Janeiras em meados do século XIV na região de Beiras, Minho, Estremadura e Douro, em que um grupo festivo saía em visitas às casas, cantando e tocando em louvor ao Menino-Deus. Como retribuição, esses foliões recebiam bebidas, comidas e outros agrados. No Brasil, o baile pastoril configura-se como um tipo de auto, cantado e bailado de frente

para lapinha em que se encontram pastores, animais, casas, igrejas, rios e pontes. Chama-se pastoril em referência aos pastores que saudaram o Deus-Menino. A chegada é um tipo de dança popular portuguesa, sincronizada em par separado, caracterizada pelo tom lascivo e excitante.

Sobre essas festas populares, Moraes Filho observa:

No meio dessas cenas pitorescas, desses dramas infantis, a poesia imitativa tocava ao seu apogeu, por isso que a grande nova emprestava no lirismo a voz aos animais, que expandiam as suas alegrias, pelo nascimento do Deus-Menino. Em seus louvores, o coro era uníssono, os tocadores de cítara partiam nos arpejos das cordas vibrantes, e os poetas entregavam-se ao fervor piedoso de suas inocentes inspirações. Mais tarde os bretões adotaram esses usos, que se generalizaram pela Europa, variando na forma, mas conservando o fundo da tradição (1979, p.47).

Tais costumes, por um longo período, permaneceram no universo popular europeu, chegando ao Brasil por obra dos primeiros colonizadores. Na Bahia, as influências dos Autos Pastoris e das Janeiras se juntaram às contribuições indígenas e negras resultando no Terno de Reis ou “Ranchos de Reis”, como era chamada a folia. No século XIX, os Ranchos de Reis são levados para o Rio de Janeiro, constituindo-se como um dos elementos para a criação das escolas de samba cariocas.

A partir dessas informações, podemos observar que o reisado consiste em costumes legados pelo colonizador, que sofreram modificações e se reconfiguram em virtude do processo de miscigenação. De forma não estereotipada, da contribuição européia podemos encontrar a devoção às personalidades sacras, aos mártires, as letras das músicas; da contribuição indígena, temos a participação no momento da ladainha, a utilização dos instrumentos de sopro; e da contribuição de origem africana, encontramos os tambores, zabumbas, caixas e algumas coreografias, que se assemelham em muito às do candomblé (CARVALHO, 2002).

Esse processo de miscigenação tem início nos primeiros séculos de formação do Brasil, quando o catolicismo assumiu um perfil de obrigatoriedade, tornando-se justificativa de integração social na Colônia. Através das paróquias, conventos e irmandades, a Igreja constituía instituições religiosas, das quais a sociedade se via então refém.

Por sua vez, os representantes do Santo Ofício no Brasil puderam patrocinar um clima de medo nas ações repressivas, nos confiscos e deportações. Diante desse quadro, o brasileiro agiu de forma inteligente ao criar uma espécie de catolicismo ostensivo, principalmente nos locais públicos, que buscava invocações ortodoxas em nome de Deus, de Nossa Senhora e demais santos. O brasileiro incorporava, assim, o espírito do “católico fervoroso”. Tratava-se de uma postura sempre evidente que, por um lado, garantia status social, e por outro, o eximia de quaisquer suspeitas profanas ou heréticas. O “ser católico a todo custo” contribuiu para originar um formalismo típico do catolicismo brasileiro, qual seja, os sincretismos.

Como pertencentes aos sincretismos, Eduardo Hoornaert (1974) destaca três realizações concretas do cristianismo dentro da cultura brasileira: o catolicismo guerreiro, patriarcal e popular. Aos nossos estudos da festa de Reis de Piatã, interessa entender o catolicismo popular.

O catolicismo popular, segundo Hoornaert, é aquele oriundo das contribuições indígenas, africanas e de seus descendentes. Em outras palavras, trata-se de uma filosofia vivida pelos pobres em geral, completamente diferente das demais, e que conferiu ao povo um caráter autêntico e de originalidade cultural.

Se os principais difusores do catolicismo no interior foram os portugueses povoadores e desbravadores do sertão, índios mansos, africanos escravizados e quilombolas, nesse sentido, o catolicismo popular configurou uma espécie de estoicismo, pois aos índios e escravos as opções somente eram: fugir, suicidar ou se envolver com a religião.

Como os bispos, monges e sacerdotes concentravam-se no litoral, onde havia conventos, seminários, colégios e mosteiros, a doutrina católica no interior do Brasil foi feita pelos leigos: mucamas, caboclos, pretos-velhos, miscigenados e não miscigenados. A esse atenuante, adiciona-se ainda a carência de livros e de universidades, que contribuíram para um cristianismo sem fundamentação bíblica e distante da teologia.

Este é o cenário que perdura até a primeira metade do século XVIII, quando procuro me referir ao processo de formação do reisado. Temos então, no catolicismo popular, os sincretismos religiosos, e é essa linha de raciocínio que tomo como base de orientação para meus estudos sobre a Chapada Diamantina.

Reis de Piatã

O reisado, ou “Reis de Piatã”, como se referem os foliões locais, brinca fundamentalmente de recriar o mito dos três reis magos. Há um conjunto de histórias capaz de recriar não mais apenas o real vivido, mas um agregado de símbolos que, articulado às experiências do cotidiano roceiro, produz na folia, uma espécie de anti-texto com relação à racionalidade do mercado e das relações sociais do capitalismo moderno, muitas vezes encontradas em Sedes de pequenas e grandes cidades.

A identidade reiseira em Piatã se fundamenta no conjunto de signos e significados cujas matrizes estão no universo rural, presente nos rituais, nas ladainhas, na culinária, nos instrumentos musicais, nos adereços e assim por diante. Mas... O que seria mesmo o reisado, por tantas vezes aqui citado?

Trata-se de um tipo de representação que é animada por músicos do próprio ambiente das localidades, seguidos de um modesto número de outros brincantes, vestidos de roupas simples e enfeitadas de flores e fitas, portando chapéu de palha. Levam nas mãos imagens de santo e estandartes coloridos, tocando viola, violão, zabumba e sanfona. Os reiseiros, ritmados por um extenso repertório musical, saem de casa em casa de festeiros à procura do Menino Jesus. Encontrarão o Menino Jesus no presépio ou na lapinha (como alguns costumam chamar) e, com isso, expressarão sua adoração a Deus.

As apresentações do reisado iniciam com a cantoria na porta da casa do devoto; depois, diante da lapinha, cantam-se chulas, sambas e modas de viola; por fim, na marcha de saída, os foliões se despedem e vão para outra casa repetir o mesmo ritual. Terminado o ritual, o dono da casa lhes oferece bebida e comida em fartura. No variado cardápio, pode-se encontrar beiju, pipoca, milho cozido, rapadura, farofa. Na parte de bebidas, licor e, principalmente, a cachaça – no dizer de Câmara Cascudo (1972), a mais popular das bebidas brasileiras.

Muitos autores descrevem o reisado como uma manifestação cultural que, de acordo com as especificidades da geografia brasileira, pode ser chamado de *Banda de Folia de Reis*, *Folia de Santo Reis*, *Reisado*, *Terno de Reis*, *Terno de Santo Reis*, *Música de Folia de Reis*, *Caixa de Folia de Reis*, *Bumba-meu-boi*, *Boi de Reis*, *Boi-Bumbá* ou simplesmente *Boi*.

Na Chapada Diamantina, é mais comum a denominação *Reisado* ou *Reis*. Aqueles que cantam são chamados de *reiseiros* ou *cantadores de reis*. Não há rainha, rei ou contramestre. Há o mestre, que é chamado por todos pelo nome. Quem acompanha Seu Fulano são os seguidores, cantadores ou cantores de Seu Fulano, e que pertencem ao reisado tal. Por exemplo: Seu Agripino tem um reisado ou Reis de Piatã que, ao final de cada ano, canta nas casas que possuem

presépios, cujas famílias tenham lhe convidado previamente. Zé de Almira, Luiz do Tamborô, Zé Boi e demais reiseiros são membros do reisado de Seu Agripino.

Figura 1: Nova geração de Reis de Piatã



Em Piatã, podem-se observar as seguintes etapas do reisado:

Chegada. O momento que antecede a abertura de porta, quando quem os aguarda de longe, atentos ao som dos instrumentos, aguarda ainda a cantoria nas portas, que estão fechadas e luzes externas apagadas.

Entrada. Após a música de chegada e a repetição de *Viva Santo Reis e os Donos da Casa*, o grupo entra silenciosamente dirigindo-se imediatamente ao presépio.

Louvor. Momento destinado exclusivamente aos louvores diante do presépio, sem estimular qualquer desatenção.

Integração. Quando do primeiro louvor, reiseiros, donos da casa e curiosos se dispõem a dialogar, a comer e a beber, e os foliões receberem ofertas. Na integração, podem ocorrer relações de intimidades, paqueras ou namoros entre reiseiros e reiseiros, reiseiros e curiosos ou reiseiros e membros da família que recebe o folguedo.

Despedida. Momento posterior à integração, quando o reisado se prepara para sair, cantando outro hino de louvor, e despede-se dos donos da casa.

Reisado: Sagrado e profano

De acordo com Eliade (1992), na relação sagrado/profano o indivíduo se atenta para o conhecimento do sagrado quando este se manifesta em oposição ao profano. Eliade compreende ainda que, no Ocidente, é difícil a aceitação do sagrado em objetos rústicos, tais como pedras ou árvores. Não se trata de venerar o objeto pelo objeto, ou seja, a pedra pela pedra, a árvore pela árvore. Durkheim (1977) observou que os objetos não são adorados como o objeto em

si, mas como revelação de algo que ele não é e sim do que representa. Assim, quando um reiseiro se propõe a venerar certas simbologias do presépio, na verdade, temos um tipo de *hierofania* que o transporta ao plano metafísico através da fé. Entender, pois, essa linha de raciocínio corresponde a um desafio a determinadas correntes do protestantismo que condenam com veemência a expressão da festa na Chapada.

A relação sagrado e profano se dá da seguinte forma: no espaço sagrado, há um “ponto fixo”, que possibilita orientar a homogeneidade caótica do viver real. Por sua vez, nessa experiência, quando se propõe manter a homogeneidade, mantém ainda a relatividade do espaço. Resulta, assim, que não há uma *verdadeira* orientação a ser seguida, pois o “ponto fixo” se dinamiza de acordo com as necessidades diárias.

Nos intervalos de tempo sagrado e tempo das festas, em que o tempo profano configura uma duração temporal ordinária, aí se inscrevem certos atos censurados dos significados religiosos. Nesta seara, adiciona-se também a solução de continuidade, ou seja, através dos ritos, o homem religioso pode “passar” sem perigo, da duração ordinária ao tempo sagrado (ELIADE, 1992).

Transitando por entre esses tipos tempos, está o folião bêbado, que seria o personagem intermédio entre o sagrado e o profano (BAKHTIN, 1987). O folião bêbado é o indivíduo que, normalmente está presente em algum bar de alguma roça e se ver atraído pela sonoridade do reisado ou pelo próprio movimento da festa.

O folião bêbado representa as liminaridades entre sagrado e profano. Na folia, há zonas de troca, de relaxamento de especificidades, sendo o bêbado o principal interlocutor. Por meio dele, o reisado revigora e continua o extenso itinerário religioso de forma mais enérgica e menos cansativa. O hibridismo está neste personagem: representação do *entre-lugares*. Trata-se do animador da folia, às vezes a *ligação* entre foliões e donos da casa, quando, extrovertidamente, solicita comidas, bebidas e ofertas.

Assume ainda o papel animador ao abraçar ou apertar as mãos dos que se fazem presentes, imediatamente apresentando algumas de suas canções, repentes e paródias, ou mesmo contando piadas.

Não é comum a cena do bêbado desrespeitando o líder ou qualquer membro do reisado e vice-versa. Parece haver entre eles um clima de harmonia, estreitado apenas pelos olhares ou no máximo a um tom de voz. Quando o bêbado parece querer incomodar o momento religioso, basta apenas um movimento de censura do líder do reis ou quaisquer dos demais presentes para que o mesmo se aquiete. Por mais bêbado que esteja, esse indivíduo não tem

dificuldade em discernir claramente o sagrado do profano. Quando no momento profano, consegue ser mais profano dentre todos os da casa; quando no momento sagrado, acompanha com personalidade as ordens do líder, chegando inclusive a censurar os distraídos que continuam a conversar diante do louvor.

Reisado: Universo simbólico

Em Durkheim, podemos observar as formas de classificação que deixam de ser transcendentais, ou seja, universais e assumem o papel de *formas sociais* – arbitrárias e socialmente determinadas. Assim, a objetividade do sentido do mundo é definida a partir da concordância das subjetividades estruturantes – em que senso não difere do consenso.

No centro dessa discussão, Bourdieu (1998) acrescenta que, num estado de campo onde é possível perceber o poder por todas as partes, é importante ressaltar a necessidade em saber descobri-lo, nos locais onde ele se deixa ver menos, onde está mais completamente ignorado. Acrescenta que o poder simbólico é aquele poder invisível que só poder ser exercido a partir da cumplicidade dos que ignoram sua sujeição ou seu exercício.

Os sistemas simbólicos, “como instrumento de conhecimento e de comunicação, só pode exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnosiológica*” (BOURDIEU, 1998, p. 09). Dessa forma, o autor supõe aquilo que Durkheim chamou de *conformismo lógico*, ou seja, uma idéia não heterogênea de tempo, espaço e causa. O mérito é de Durkheim em afastar as celeumas que impediam a definição de uma *função social* do simbolismo, autêntica função política, não condicionada à função de comunicação estruturalista.

Partindo destas considerações, posso afirmar que os símbolos são os instrumentos de integração social no Reis de Piatã. Esta é a lógica que contribui no sentido de reproduzir fundamentalmente a natureza da ordem social: integração lógica igual à condição da integração moral.

No universo do reisado, está mais do que evidente que os símbolos são instrumentos de integração social. De todas as representações que compõem o universo reiseiro, o *estandarte* é o mais emblemático. O estandarte seria um elo responsável por unir reiseiros e donos das casas e os próprios donos das casas; afinal, o indivíduo que recebe o folguedo sempre permanece com o estandarte até o louvor final, tendo o compromisso de guiá-lo até o próximo presépio.

O estandarte é um instrumento complexo no mundo do reisado. Não pode ficar encostado em paredes, geladeiras ou armários e sim nas mãos do visitado, como uma espécie de guardião do presépio. Está posto à frente do cortejo, trilhando o caminho dos que seguem. Enfim, o estandarte é imediatamente “sociabilizante”, quando aproxima as pessoas que desejam tocá-lo, passando e, a seguir, a comentarem sobre os desenhos da festa.

Conclusão

A religiosidade do Reis de Piatã pertence ao âmbito cultural popular, sendo a cultura do povo formada por um conjunto de conhecimentos milenares guardados para utilizar no exercício diário de comparação. O Reis de Piatã apropria-se da identidade rural, através da representação do passado e da resignificação do caráter histórico.

A identidade reiseira de Piatã se fundamenta no conjunto de signos e significados presentes nos rituais, nas ladainhas, na culinária, nos instrumentos musicais, nos adereços e assim por diante. Em sendo da roça, o Reis de Piatã possui características que melhor se apresentam na atmosfera rural. Assim, continua em virtude do processo religioso de refazer cultural, a partir das reconfigurações e hibridizações. Por se reconfigurar e hibridizar, o reisado não está posto no tempo com algo rígido e acabado; elementos novos de seu universo fazem com que novas gerações possam se identificar com a folia e assim ela é passada de geração a geração.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais/Mikhail Bakhtin; tradução de Yara Frateschi Vieira, - São Paulo:
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução: Fernando Tomaz – 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CARVALHO, D. Tradição e Memória dos Ternos de Reis na cidade de Jequié (Recortes de Memórias). Vitória da Conquista: Edições UESB, 2002.
- CASCUDO, L. C. Seleta. Organização, notas e estudos de Américo de Oliveira Costa. Nota de Paulo Ronai. Rio de Janeiro, editora José Olympio, INL, 1972.
- DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANÇA, I. Entre a Santana e a Tromba: A formação e o sentido de Piatã. Salvador, Egba, 2010.
- HOORNAERT, E. Formação do catolicismo brasileiro: 1550 – 1800. Petrópolis: Vozes, 1974.

MORAIS FILHO, M. Festas e tradições populares do Brasil, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.